

Sarney se sente traído pela Aliança

Insatisfeito com as bancadas, decide criar uma liderança própria

TARCISIO HOLANDA
Repórter Especial

O presidente Sarney julgou-se traído quando tomou conhecimento pela televisão da reunião em que a bancada do PMDB resolveu apoiar a proposta da Constituinte exclusiva, pedindo às mesas da Câmara e do Senado que não realizassem eleições e impusessem um recesso às duas Casas no curso do trabalho constituinte.

Ao tomar conhecimento dessa notícia pela televisão, o presidente José Sarney telefonou para o presidente do PMDB, Ulysses Guimarães, e o líder Pimenta da Veiga, afirmando que os dois não podiam ter deixado de lhe dar conhecimento desse fato. Segundo um ministro de Estado, foi aí que o Presidente resolveu comunicar a Ulysses e Pimenta que iria criar uma liderança do Governo no Congresso.

Segundo ministros que estão conversando diariamente com o Presidente, seu projeto não é propriamente o de dividir o PMDB, mas reunir os parlamentares deste partido, do PFL e de outras agremiações que queiram apoiar o governo. "Eu acho que esse trabalho acabará resultando numa divisão no PMDB, mas sem que ninguém saia do partido, pelo menos enquanto a legenda for atraente eleitoralmente", disse um ministro.

Sarney não quer ser mais surpreendido com decisões no PMDB ou no PFL que não agradem ao governo, e espera que Carlos Sant'Anna, designado para lider, consiga reunir um bloco compacto de parlamentares de diferentes partidos de apoio ao Governo.

O presidente julga que está sofrendo ingratidões de grande parte daqueles que, embora abrigados sob a legenda do PMDB, se elegeram governadores e parlamentares graças à indis-

cutível popularidade do Plano Cruzado. Quando o programa foi anunciado e, diante do verdadeiro entusiasmo popular que despertou, o PMDB partiu para uma campanha em que procurou assumir a paternidade daquela política.

Agora, diante das dificuldades que enfrenta o Plano Cruzado, uma parcela de políticos do PMDB joga pedras sobre o Governo. Segundo esses ministros que estão conversando com o Presidente, o primeiro confronto entre as duas principais correntes que compõem o PMDB está prestes a ocorrer — quando da votação do regimento, em cujo bojo a esquerda pretende inserir disposição proclamando a soberania da Constituinte.

— Neste momento, haverá um choque entre as duas correntes. Mas, ninguém deixará a legenda, pelo menos enquanto ela for atraente. Depois, irão abandonando como aconteceu com a Arena — disse o ministro do PFL.

LUIZ MARQUES

PFL joga tudo na divisão

O presidente José Sarney reafirmou ontem o poder do líder do Governo na Câmara, deputado Carlos Sant'Anna (PMDB-BA), ao recomendar a deputados do PFL que o procurem no caso de qualquer necessidade. Sarney revelou-se magoado com a insatisfação da bancada do PFL, frisando que, durante a campanha eleitoral, não fez qualquer distinção entre os partidos da Aliança Democrática.

O líder do PFL, deputado José Lourenço (BA), convocou uma reunião da bancada para a próxima semana a fim de debater especificamente a situação econômica. O deputado Mendes Thame (PFL-SP) afirmou ontem, após encontro de 20 minutos com José Lourenço, que sua proposta de afastamento dos ministros da área econômica está com o apoio da maioria da bancada.

A presidência do PFL continua muito otimista sobre o êxito da política de divisão do PMDB, acertada na última segunda-feira,

na casa do ministro Marco Maciel. Os primeiros indícios são de que o líder Carlos Sant'Anna está conseguindo articular um grupo suprapartidário, decidido a apoiar o presidente José Sarney em qualquer circunstância. O poderio de Sant'Anna, porém, está provocando reações entre os deputados do PFL, mais ligados ao líder José Lourenço.

O secretário-geral do partido, deputado Saulo Queiroz (MS), um dos incentivadores do pronunciamento do ministro Aureliano Chaves, das Minas e Energia, contra os ministros da área econômica, achou compreensível a entrevista do ministro Marco Maciel, dada ontem na TV, esclarecendo a insatisfação existente na bancada. Para Saulo, isso é natural porque a política é feita com avanços e recuos.

A maioria dos deputados do PFL estava, porém, irritada com o ministro Marco Maciel, cujo pensamento, acentuavam, não reflete o

sentimento dominante na bancada. Em contraposição, o ministro Aureliano Chaves era elogiado por "ter dito o que as bases precisavam ouvir". O presidente do PFL, deputado Maurício Campos (MG), dos mais entusiastas com o pronunciamento de Aureliano, acha que a reunião dos diretórios regionais, marcada para o próximo dia 18, demonstrará isto.

Os dirigentes do PFL estão satisfeitos com a repercussão, para o partido, das críticas feitas aos ministros da área econômica. Eles consideram que, de certa forma, colocaram o PMDB na posição defensiva e que começa a haver a consciência de que o PFL não teve qualquer responsabilidade no fracasso do cruzado.

O deputado Edme Tavares (PB) vice-líder do PFL, está defendendo junto ao líder José Lourenço uma posição mais crítica em relação ao Governo que, a seu ver, não está cumprindo os compromissos da Aliança Democrática.

Planalto responde a Aureliano

Só ontem o presidente José Sarney reagiu às críticas do ministro Aureliano Chaves à política econômica do Governo, manifestando ao deputado Jorge Uequed (PMDB-RS) "a esperança de obter o apoio de todo o ministério para enfrentar as dificuldades do momento".

Também depois de uma audiência no Palácio do Planalto, o governador eleito do Paraná, Alvaro Dias, cobrou do deputado Ulysses Guimarães, presidente do PMDB, um "grito maior" para unir o partido em torno do Governo. "Ulysses tem força e respeitabilidade para isso, e concorda que é preciso afinar a viola porque a orquestra está toda desafinada", afirmou o ainda senador.

Alvaro Dias ouviu de Sarney um apelo para que o PMDB uniformize suas posições, defina seus rumos e apóie firmemente o Governo. "O partido precisa fazer mesmo uma autocritica, reconhecer que a desintonia existente no Governo existe também no PMDB. É urgente nos reencontrarmos em torno de uma mesma postura políti-

ca, sem prejuízo das diversas posições ideológicas, para a superação desta crise, que não interessa a ninguém e que está gerando crescente insatisfação na classe média", defendeu o futuro governador paranaense.

O senador cobrou uma "atividade mais dinâmica" da direção partidária, que "deve reunir a executiva, as principais lideranças — inclusive os governadores — e até mesmo realizar um minicongresso para definir seu rumo político e devolver credibilidade aos atos do Governo". Segundo informou, Sarney não deseja mesmo a formação de qualquer bloco centrista no Congresso, mas sim a união do partido, esquerdas inclusive.

Para Alvaro Dias, a agilitação da cúpula peemedebista em busca de eficiência na articulação política, não passa necessariamente pelo afastamento do presidente Ulysses Guimarães. "Mas o fato é que está faltando articulação e acho mesmo difícil manter a eficiência com tantos encargos. O juiz disso, porém, é o próprio Ulysses. Nós o ele-

gemos e não podemos destituir-lo". A crítica do futuro governador do Paraná atingiu também o secretário-geral do partido, deputado Milton Reis, e a falta de liberdade de ação para os demais membros da executiva.

O senador paranaense não quer ver o PMDB lutando por nomes na próxima reforma ministerial. "A nós cabe fazer críticas, apontar caminhos fazer sugestões. A decisão é do Presidente, mesmo porque não se compõe uma equipe afinada com critérios de divisão política ou geográfica. É a heterogeneidade da equipe que está pesando contra o Governo agora. Repito, o PMDB não deve cobrar nomes. Neste momento de crise, deve cobrar eficiência. E eficiência hoje é isso: estabilidade para recuperar a credibilidade do Governo".

Alvaro Dias pediu ao presidente Sarney que, informalmente, faça dos governadores "uma espécie de conselho político. Se todos formos informados, consultados, teremos mais ânimo para trabalhar pela coesão junto às nossas bancadas".